



‘IRA’, A PRIMEIRA PALAVRA DE ‘A ILÍADA’, DE HOMERO, PODE SIGNIFICAR ‘ÓDIO’ OU ‘INDIGNAÇÃO’; ÓDIO DE UNS, INDIGNAÇÃO DE OUTRÓS, COM O ÓDIO DOS UNS. VERMES. VERMES MALDITOS TODOS AQUELES QUE PREJUDICAM, SABOTAM E DESTROEM A PRÓPRIA CIDADE, O PRÓPRIO ESTADO, O PRÓPRIO PAÍS EM QUE NASCERAM E VIVEM, EM QUE TÊM E CRIAM SEUS FILHOS. MALDITOS TODOS AQUELES QUE SE OFERECEM A FUNÇÕES PÚBLICAS, MAS SÓ BUSCAM OS PRÓPRIOS INTERESSES. MALDITOS TODOS AQUELES QUE SE VENDEM EM DETRIMENTO DOS QUE PRECISAM. MALDITOS TODOS AQUELES QUE VENDEM A PRÓPRIA ALMA E A ESPERANÇA DOS OUTROS. VERMES MALDITOS TODOS AQUELES QUE SE APROVEITAM DA INDIGNAÇÃO DO POVO PARA, MENTINDO, CONSEGUIR ALÇAR-SE AOS MAIS ALTOS POSTOS DA NAÇÃO E, ENTÃO, IGNORAR TODAS AS PROMESSAS FEITAS E, SEM SE IMPORTAR COM AS CONSEQUÊNCIAS, FAVORECER OS SEUS E PERSEGUIR AQUELES QUE COM ELES NÃO CONCORDAM. VERMES MALDITOS.

Um pouco de

Cada arte...



*
O.A.
SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

"Mas ai da terra e do mar, porque o Diabo desceu sobre vós e está cheio de grande ira."

Apocalipse 12:12

Estrandos, absurdos estrondos. Acordou assustado, arfando. Abraçou-se ao irmão. Tentou abrir a porta, mas viu grande fogo. Uma figura alada e terrível o encarou, furioso: *Annu! Aj oloy 'nnu fagg' nnag yn!* E fechou a porta com ríspidez. O fogo crepitou por debaixo dela, insistente. Uma explosão e sucessivos frangos. De súbito, então, um silêncio inquietador e a escuridão. Houve um estalo, e a porta se destrancou.

Ao abri-la, o menino e seu pequeno irmão se assombraram. O resto da casa se tinha ido. Os dois se viram perdidos e sufocados numa infinita escuridão: não havia sol, só nuvens negras e espessas. A única e pouca luz que tinham era a das chamas aqui e acolá; tímidas perto, mas monstruosas ao longe.

Ouviram um estalo de muitas asas acima, mas não puderam ver nada. Algo precipitou com grande troada. A figura alada caminhou para diante deles, seguido de alguns outros. Emanava uma luz tênue, mas que já o destacava na escuridão do mundo. No cabelo escuro e curto, duas finas tranças trabalhadas de cada lado a sobrepor-se às orelhas. O elmo partido jogou ao chão. Uma placa de metal lhe cingia o peito, com símbolos entalhados; da cintura para baixo, ourelas de armadura que desciam até pouco acima dos joelhos. As tiras das sandálias subiam pelas canelas; espada embainhada na cintura. Com semblante altivo, perguntou:

— Você está bem? Está ferido? — Pegou-o pelo braço.

— Não... — titubeou o menino. — O que aconteceu? — O irmão se agarrou à sua perna.

— O céu caiu, pequeno. E os demônios agora se assenhoreiam da terra e flagelam os homens.

— Deus!

— Por conta d'Ele estamos aqui. Mas parece que pouco podemos diante da fúria dos profanos...

— Onde estão meus pais?

— Fui mandado para proteger-te a ti, e a ti apenas. És o que mais importa agora. Não pudemos salvar tua família.

Com lágrimas nos olhos, abraçou o irmão caçula.

— Que desgraça é esta?

— Temos pouco tempo, pequeno.

— Por favor, me diga.

Ele olhou para os lados, atento, e voltou-se ao menino, com pressa:

— Há sete anos, um demônio muito poderoso veio à terra. Não devemos falar seu nome. Aqui ele preparou caminhos e reuniu muito poder para seu Príncipe e seus irmãos. Seduziu vários asseclas — satanistas a fazer-lhe a vontade por razões móbidas e profanas. Assassinou homens e crianças; e por rituais macabros recolheu o sangue de incontáveis vítimas.

— Para que sangue?...

— O sangue é... — Foi interrompido por uma rajada de fogo. — Cuidado!

O alado o protegeu com as asas, que fo-

ram chamuscadas. Seu irmão, entretanto, foi consumido pelo fogo e caiu sem um ruído sequer.

— Não! Não! Meu irmão! — E inclinou-se sobre o corpo queimado e inerte a seu lado.

— Não há tempo para prantos, pequeno. Levanta. — Puxou-o pelo braço bruscamente.

— Por que você não o protegeu também? Por quê?

— Só tu importas. Vamos — respondeu, com indiferença.

— Não pode ser. Por que isso está acontecendo? E por que eu?

Antes que pudesse ter resposta, o anjo lançou-o ao chão enquanto uma colossal onda de chamas passou ardendo pouco acima de suas cabeças. Um dos outros alados não conseguiu se esquivar e caiu aos gritos de dor, rolando no solo até não mais se mover. Ouviram-se, em seguida, uma agitação e um tumulto ali perto, no escuro. Então, chamas. De longe, uma voz horrível e cruel gritou: *Nak! Gheruy!*¹

O alado que lhe falara assumiu a liderança novamente. Brandiu a espada. Os outros o seguiram.

— Cuidado! Todos em linha! — E os anjos se posicionaram. Então, indicou o menino ao anjo menor, com azáfama.

— Leva-o! Vai! Ao Arcanjo!

Voaram dali rapidamente. Ao olhar para trás, o menino viu em seu quartelão devastado a horda de incontáveis demônios se precipitar sobre os poucos alados. Só fizeram ganhar-lhe tempo para a fuga... Sacrificaram-se por ele.

Muito longe dali, chegaram a um grande círculo de luz, como que desenhado no chão escuro de uma vasta planície. Vários anjos estavam nos limites do círculo. No centro, uma chama pálida ardia num turíbulo sobre um colunelo. Perto da flama, um anjo de maior estatura, de grande presença e barba e cabelos brancos com inúmeras tranças. Brilhava mais que todos os outros, até mais que a chama, e seus olhos eram estrelas fulgentes. Uma grande cicatriz lhe fendia a barba no lado esquerdo da face.

— Finalmente — proferiu.

— Eis a criança, senhor — disse o anjo menor; e olhou para trás, donde tinha vindo.

— Pequena criatura, o tempo é escasso, portanto serei direto contigo. — Sua voz era áspera e imiplacável. — Preciso de teu sangue para pôr fim a tudo isso e salvar os homens.

Aquelas palavras ecoaram na jovem mente do menino. Um pouco pela voz do Arcanjo, mas mais pelo conteúdo súbito e, para si, confuso.

— Meu sangue?

— O sangue é poder neste mundo. O sangue dos homens. O teu, contudo, é mais especial e poderoso do que qualquer outro por causa de ti mesmo. Dado de bom grado por ti, em sacrifício, sobrepujará todo o poder que os demônios angariaram em seus sinistros rituais. — O Arcanjo engoliu em seco, olhou por sobre a cabeça do menino, em direção ao lugar donde viera, e disse: — Eu te

peço. Teu sangue dará aos anjos do Senhor o poder de subjugar todos os demônios; e a mim, o de derrotar o Príncipe das trevas.

Os anjos ao seu redor estavam inquietos. Agitavam-se e olhavam para a mesma direção.

— Anda, ou seremos dizimados aqui mesmo. Não haverá amanhã para os anjos nem para os homens.

— É para salvar os homens ou vocês?... Não vi nada do que eu ouvi ser de Deus em vocês, que me assustam tanto quanto os demônios de que falam.

Que homens, se só vi até a gora meu ir-

— ...mão, que os anjos não protegeram?

O Arcanjo parou, surpreso com a reação do menino. Nada conseguiu fazer ou dizer, senão ficar

imóvel e silente por alguns segundos.

— Não questiones os Poderes de Deus, criança. Tua compreensão mortal não pode alcançar o mistério da Ordem que impera no Universo. Não há tempo para jogos. É sim ou não?

Não ter salvo seu irmão era o mesmo que tê-lo matado... Não poderia aquilo ser a vontade de Deus... Então, olhou para os olhos coruscantes do Arcanjo e respondeu, severo:

— Não.

Um dos anjos brilhantes que cercavam o Arcanjo se agitou, irado, e avançou sobre o menino de punhal em mão:

— Vy 'nnu vell'adda, taryum e vluddo sdrenne.³

— Annu!⁴ — Interpôs-se o Arcanjo, com

seu brilho a se inflamar. — De nada nos servirá se não for dando espontaneamente. — Foi então que o menino comprehendeu a ameaça do anjo impaciente, cuja língua lhe era um apanhado de sons ininteligíveis.

Mas já era tarde. A nuvem de profanos se aproximava do grande círculo. Um outro alado que estava pertinho do turíbulo falou num tom monocórdio:

— Senhor, não há mais tempo para o encantamento. O fogo sagrado se apagou. Estamos por nossa conta... — Olhou para o horizonte e viu os demônios, que se aproximavam.

— Que seja! — disse o Arcanjo, resignado, mas furioso, empurrando o menino de lado e se dirigindo à borda do círculo.

Uma onda de demônios cercados por fogo quebrou o círculo e avançou sobre os anjos. No meio da nuvem demoníaca se pôde vis-

lumbrar o Príncipe, caminhando a passos calmos, com um sorriso cruel no rosto monstruoso; suas asas de um couro escuro e repulsivo.

— Olá, Miguel, meu irmão. — O Arcanjo alteou o rosto, orgulhoso e desafiador, de espada em punho. — Belo era o livro que só a nós dois o Pai Eterno concedeu o privilégio de ler.

— Um grande erro.

— Ele não comete erros... E o livro, mais que belo, é preciso. Pois olha, Miguel. Olha ao teu redor e confirma com teus próprios olhos, irmão, a Profecia do Livro dos Anjos que se realiza. Tudo estava escrito. O menino não faz mais diferença. Acabou.

— Ainda não... — E alçou a espada, poderoso.

Ambos avançaram e se precipitaram um sobre o outro. O furor da batalha inflamou os outros imortais à sua volta, que digladiavam numa carnificina apocalíptica.

De súbito, o menino, no meio do próprio armagedon, viu-se só, e numa tristeza profunda como os abismos do inferno. Virou-se e, de costas para o embate, caminhou para longe dali, no escuro, à pouca luz das chamas que se levantavam e pareciam lambes as nuvens negras e densas em sua dança sinuosa no alto. Ninguém mais notou sua presença.

Não havia mais nada a fazer. Os sons de batalha e os gritos de morte foram se distanciando. Perdeu-se na escuridão quase tangível. Os celestiais e os demônios combateriam até a aniquilação do último imortal. Com isso levariam à destruição os homens e seu mundo. Era o fim. O fim dos céus. O fim dos homens. O fim de tudo.

¹ “Não! Teus olhos não foram feitos para suportar isso!”

² “Ali! O menino!”

³ “Se não quer dar, tiramos seu sangue à força.”

⁴ “Não!”

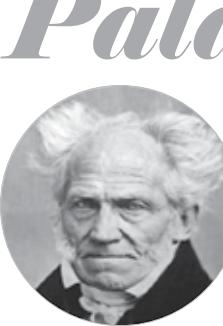
Arthur Schopenhauer

“Pensamos raras vezes no que temos, mas sempre no que nos falta.”

ARTHUR SCHOPENHAUER

NASCIDO EM DANZIG, ENTÃO REINO DA PRÚSSIA (ATUALMENTE GDANSK, POLÔNIA), EM 1788, O FILÓSOFO ALEMÃO, AUTOR DE “O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO”, “PARERGA E PARALIPOMENA” E “A ARTE DE TER RAZÃO”, DENTRE OUTROS, MORREU EM FRANKFURT, ALEMANHA, EM 1860.

Ilustração de Adam Romuald Kłodecki



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Imagem

Quase
sem
palavras...

MULA SEM CABEÇA

EDUARDO BAPTISTÃO

Mito, na verdade,
vem de mitômano.
É uma apócope.

*

EDUARDO BAPTISTÃO
É ILUSTRADOR E CARICATURISTA

**Conto**

PICO

LUCAS OLIVEIRA DE FREITAS

Agora pude compreender o que o leito nos ofereceu, não lembranças negativas, mas contradições sobre as memórias em somente reter as desagradáveis, há transmutação se possível em nós, algo pulsante, latente, mudando em segundos, e lembramos, ou melhor, vemos quem sempre foi Nazé.

De todas as lembranças, retemos agora o positivo, quem foi e o que fez por nós, nosso tio sempre muito expressivo deu a nós palavras de fogo, que ao pairar no inverno consome até o que há de mais profundo na terra, aquece para que o dia seja celebrado junto às demais datas. Por mais que sempre optou por nos cuspir brasas, ainda sim, persistia em marcar grandes multidões, alcançavam suas palavras não meras aldeias perdidas ao inverno, mas alcançavam até mesmo o Inverno e fazia dele Sol. Sempre o Sol, iluminado e transcendente a nós, em demasia podia permanecer em sua essência, sem ao menos comparecer com sua característica primava, suas labaredas. Mas as noites ainda podiam deviam temer o que há de mais brilhante, o que nos guia sobre a ínfima trilha.

Tio Nazé com suas interjeições dava-nos o sopro que chegava a nossas mentes e bombeava tais ideias, se posso assim dizer. Havia longas transfusões de conhecimento, e o que difere da sanguínea, além de possivelmente não ser compatível, pode ser extingüível, mas suas dores não, seus limites não, seus gritos não. Embora de nada disso fôssemos colocados a par ante a transfusão, os ensinamentos da interjeição mais angustiante do que o próprio brilho da noite, sobre o uivo dos dentes mais brancos, que até mesmo a Mansidão poderia temer, deste, sim, éramos colocados a par.

Dias se passaram, meses e até mesmo anos, mas ainda sim sentimos o mesmo vigor, nunca percebi que o que nos restou não se limitava apenas às lembranças positivas, se assim posso dizer. Mas o Sr. Nazé nos deu algo que nem a penumbra da escuridão poderia ser mencionada a comparações entre os extremos, sendo que sob a menção de um meio termo, talvez balanças ou outros recursos não seriam suficientes, pois não há medidas possíveis que alcancem o valor, ou podemos dizer, ausência de algum valor, pois bem, foi o que Nazé nos deixou também, algo que não conseguimos testificar.

Se me perguntas... Como sei? Por que estou cheio de dúvidas ou até mesmo perdido? Perdido não estou, estava, mas antes que se perca sobre esta estrada, permita-me. Há lembranças que nos são trazidas quando somos estimulados, seja por algo que nos cause grande dor ou imenso prazer. Nazé se enquadrava em ambos, sempre, pois enfatizo a palavra que talvez mais seja mencionada diante desta impressão, sempre, Nazé sempre.

Sempre estimulados com seu ardor, lembramos quando Nazé esteve conosco, nos estimulou a sermos com nossas interjeições, livres. Certa vez, diante dos monólogos casuais que presenciei, levou-me afora da cidade, mostrou o que de mais belo a selva resguardava e com seu tom impecável permitiu que nos aproximássemos de determinados seres e me levou após o vislumbre de toda espécie que pudemos assistir, ao pico mais alto...

Medo não... Talvez temor pela Sr.ª Próspera Mortandade, sempre vil e cheia de conquistas, não queria dar mais ala a suas eminentes riquezas, por isso mantive atrás da guarda de Seu Nazé. Embora possa ter sido incrédulo quanto ao que logo em seguida me ofereceu, deu-me oportunidade de cortejá-la. Difere de muitos outros cortejos que soube, ou sequer vi, disse a mim para que gritasse em alto som, da forma mais branda o possível. Já angustiado e cheio de incredulidade, executei, o reboo trouxe-me pavor, mas logo se extinguuiu. Antes que desse por mim, o mesmo que me encontrava ou talvez pior, pediu a mim novamente que fizesse com mais desejo, que liberasse o quanto profundo poderia estar armazenado ali... Em mim.

Novamente, novamente, sem fôlego, novamente e mais uma vez, quase sem acreditar na realidade em que estava contido, as pregas que foram molestadas pelas opressivas lufadas não serviam de nada mais. Sem entender, retornamos, logo em seguida retornei ao quarto, simples, fúnebre, mas difere de toda a selva, havia resguardo naquela escuridão, e o que digo agora, o sentimento que senti, era da mais pura raiva e todo o ódio em que era expresso ante o monólogo, agora jaz no desejo consciente de liberá-lo

aos prantos, em gritar sobre meu tio, de tamanha inconformação.

Sempre que ele notava, levava-me aquele lugar, logo pude ver que não era o único, por seu habitat todo desmantelado, seguido pelo percurso do ciclo natural, ali não era o que se esperava com o tempo ver. Não por atender as expectativas do natural, mas por haver pessoas, mais pessoas, sempre havia mudanças quando voltávamos, o que restava à incredulidade era crer que os seres que ali habitavam não evoluíram de tal forma à limpeza e organização habitual, por fim resta apenas crer que são humanos.

Mas houve um dia, quando estávamos nos aproximando ao derredor, ouvimos gritos. Impaciente pela incompreensão de ainda estar tendo que visitar tal lugar, não suportava aguentar alguém além de mim, sentia que não alcançava a sanidade, muito longe já... Mas alguém sem Seu Nazé perder as estribeiras por simples vontade, me leva a crer que ainda me reste tempo antes que a legibilidade se desonte de minha sanidade

fragilizada.

O som estridente pressionava com mais força nossos tímpanos, nos obrigando a protegê-los de qualquer dano possível. Até que por fim chegamos, sua estatura não muito diferia de Seu

Nazé e sua fisionomia forçava às lembranças me tragar de volta sobre a padaria do centro, Cassides...

O padeiro era quem estava lesionando nossos tímpanos. Soe o que for preciso, mas naquele instante não podia ter desvairado por completo, não era preciso mais que um par de olhos para enxergar e não compreender, já atônito por não aguentar a paz que inundava Seu Nazé, a mim beirava a mais pura e impensada vontade de berrar sobre o desconforto.

Não abria os lábios agora pelo Sol que desmanchava o Inverno, não lufava em demasia sob minhas pregas o calor que emanava das dicas e ensinamentos, mas escancarava agora, por ver que Seu Cassides tocava seus tambores. Não um barulho seco, não um som estridente, nada, simplesmente nada de característico saía dali, mas em meio à confusão, berrei de insatisfação, pois o padeiro liberava suas lágrimas e de onde deveria soar sua estridente interjeição, seu

“Dias se passaram, meses e até mesmo anos, mas ainda sim sentimos o mesmo vigor, nunca percebi que o que nos restou não se limitava apenas às lembranças positivas”

oppressor berro, pois bem, nada saía dali e sim dos tambores, sim, logo após, o choro... Cessou...

*
LUCAS DE OLIVEIRA FREITAS
É REPRESENTANTE COMERCIAL



Música

“O som é único. Inconfundível. A guitarra bradando sua autonomia, como instrumento maior. A música não é terrena. É divina. O velho blues rejuvenesce. (...) Enquanto conversava com Jimi, senti e percebi mais alguém. Uma bela voz... Rouca, feminina, dionisíaca, voz negra.”



O DOMADOR DE RAIOS...

ZÉRENATO

Osom é único. Inconfundível. A guitarra bradando sua autonomia, como instrumento maior. A música não é terrena. É divina. O velho blues rejuvenesce, revigorado pelas bênçãos britânicas, amantes de sua grandiosidade.

É Jimi Hendrix! Êxtase! Dionísio urra! Jovem, fortalece lendas e mestres do blues, os quais não pensam duas vezes em tributar sua importância no panteão dos deuses da música: Buddy Guy, Albert Collins, Albert Lee, Junior Wells, para citar alguns monumentos.

Todavia, também é perceptível em sua música o jazz, em especial de Miles Davis.

Instinto puro.

Estava à minha frente. Ora com o Experience, ora com a Band of Gypsies.

Triunfal. Perfeito.

Solou sua fender stratocaster, até levá-la às lágrimas.

Permaneceu alguns segundos imóvel. Encostou sua guitarra, caminhou lentamente em minha direção.

Incrédulo, fiquei frente a frente com o Jimi.

Sorrindo, perguntou-me:

— Gostou?

A princípio, não fui capaz nem de responder essa simples pergunta.

Alguns segundos depois, atônito e enlouquecido, respondi:

— Pra caralho. Foi perfeito! Mais uma, Jimi!

Sorriu.

Seu semblante lembrava muito o momento em que se apresentava em Woodstock. Sereno. Lúcido. “Mais lá do que aqui”.

— Como é tocar para você, Jimi?

— Oh, man! Para mim é a vida, é a razão de ter existido. Minha marca na Terra. Minha passagem foi para isso.

— Não tenho dúvida, você reinventou a guitarra. Olha que já havia grandes gênios na execução desse instrumento. Mas você é único. Ninguém fez ou fará nada semelhante.

— Desculpe-me. Discordo. Stevie Ray Vaughan chegou perto.

— Porra! Dizendo isso, acredito.

— Verdade, aquele índio texano é genial.

— Pena, também como você, foi muito cedo.

— Morrem cedo aqueles a quem os deuses amam.

— Isso é Fernando Pessoa.

— Exato. Nos conhecemos aqui.

— Não perguntarei nada. Fui avisado por vários acerca das normas.

— Pode crê.

— Jimi, qual era seu próximo passo? O que pretendia realizar musicalmente?

— Experimentações. Sabe, o blues nunca saiu de mim. Nem sairá. Sou meio índio, meio negro. Não há como. Continuaria com ele, no entanto, meus contatos com John McLaughlin, sobretudo com Miles Davis, fizeram-me rever o jazz, descobri-lo. Inseri-lo no blues. Talvez mesclá-los.

— Clapton comentou que seu sonho sempre foi ser um músico de blues a tocar numa banda de jazz.

— Clapton é um dos grandes. Quando cheguei a Londres, era aquele que fazia questão de conhecer e fazer uma jam. Tão logo desembarcamos, pedi ao Chas que marcassem um encontro

com ele.

— Foi lindo.

— Verdade. Meio louco. Estava muito chapado. Mas foi um puta encontro. Eric ainda está com vocês.

— Espero que por muito tempo.

— Não depende de nós, brother.

— Eu sei. Continua a tocar?

— Sim. Outros sons, outras letras, porém, o velho blues. Já falei demais sobre isso. Não deveria ter comentado nada. Você é foda. Não posso falar nada daqui. Você me pegou...

— Desculpe, não quero criar-lhe problemas. No entanto, as dúvidas são muitas...

— Já sabe que não podemos falar, mano; não insista.

Jimi voltou a dedilhar sua Fender. Sons terrenos e celestiais, como sempre.

— Já viajei muito no seu som.

— Sério? Que bom ouvir isso.

— Nos remete a muitas histórias e tempos. Nos faz pensar e sentir. Sobretudo sentir.

— Essa é a tarefa da música, da arte. É a estética.

— Mano, parece que andou assistindo minhas aulas?

— Passo por lá, de vez em quando...

— Porra, que honra.

— Dá um sinal. Quer dizer, faz um som na próxima.

— Eu faço. Você é que não percebeu.

— Prestarei mais atenção.

— Não é isso, brother, tem que sentir, perceber... É outra coisa.

— De qualquer modo, sinto-me privilegiado em saber.

— Não é pra qualquer um, mano, é sómente para aqueles que entendem de música, amam-na.

— Porra, Jimi, você me faz chorar.

— Relax, man! Take it easy!

Enquanto conversava com Jimi, senti e percebi mais alguém. Uma bela voz... Rouca, feminina, dionisíaca, voz negra.

— Quem está a cantar? Bessie Smith?

Jimi sorriu de forma angelical, doce.

— Não, cara, é a Janis.

— Caralho! A Janis está aqui?

— Sim. Estava ouvindo nossa conversa.

A rainha de Port Arthur aproximou-se.

Linda. Sensual e deslumbrante. Sorrendo, sentou-se.

— Janis Joplin, que linda, que voz. Depois de Bessie Smith, talvez a maior voz do blues, junto com Etta James.

— Sente-se aqui, minha rainha — disse a ela. Com seu largo sorriso, sua energia, sentou-se entre mim e o Jimi.

“Será que fui pro saco?”, pensei.

— Oi, Jimi.

— Oi, Janis.

— Vocês não estão sempre juntos?

— Nem sempre — disse-me Janis.

— Continua a cantar? — perguntei-lhe.

— Sim. Bastante. No entanto, agora são outras canções. Mas o blues não sai de mim.

— Graças a Deus!

Janis sorriu e emendou:

— Por isso mesmo.

— Lamento muito, Janis, suas bandas foram muito inconstantes e injustas contigo. Você merecia ir mais longe.

— Fui até onde devia ou podia ter ido. O mais importante: ajudei a fortalecer o blues. Principalmente aquele cuja voz é feminina.

Fico feliz em contribuir para a redescoberta de Bessie Smith, sua colocação definitiva no seu lugar de mérito: no firmamento das divas do blues.

— Sua voz é inconfundível. Aliás, as apre-

sentações de ambos no Monterrey e no Woodstock são antológicas. Emocionam até hoje. Perfeitas e inimitáveis.

Janis sorriu. Jimi alegrou-se.

— Jimi, esse cara ama nossa música.

— Pode crê. É apaixonado por blues. Como nós.

— As diferenças são a genialidade de ambos e o fato de terem vivido o blues.

— Não foi fácil, cara, sofremos... Sofri muito, dores de amor. Por isso, meu canto era tão forte e vivo.

— Era não, Janis, é. Vocês são imortais! Sempre estarão nos corações e mentes daqueles que amam a música.

— Creio que por serem gênios dão a sensação, talvez seja isso, de estarem à frente de seu tempo. Por isso, a dificuldade de muitos entenderem sua música.

— Gentileza sua, querido, vivemos louca e apaixonadamente nossos sonhos. Apostamos tudo. Muito alto. Não fizemos concessão à mediocridade. Sem levantar bandeiras, bradamos o sim à vida! Nós recusamos a mediocridade e a imbecilidade. Pagamos um preço. Escutei o Jimi, dizendo a você — disse-me Janis.

— Entendi. Estou conversando com anjos. Ambos riram.

— Não sei se é bem assim... Mas...

Novo largo riso de Janis. Estava angelical, como Jimi, serena e lúcida.

— Perdão, precisamos nos retirar — disse Jimi.

— Verdade — completou Janis.

— Quero conversar mais. Perguntar da partida de vocês... Daquilo que ficou... Há muito que se conversar.

Janis, muito serena e séria, olhou-me fixamente, pensou e comentou, meio em tom solene:

— Nossa arte disse por nós. Espero que continue a dizer. Fizemos aquilo que tinha de ser feito.

— Deixamos nossa marca — afirmou Jimi.

Olhei para ambos, com lágrimas nos olhos. Apenas sorri, largamente, com satisfação e êxtase.

Uma agradável bruma passou

por mim. Abri os olhos.

Sentou-se entre mim e o Jimi.

— Verdade — completou Janis.

— Quero conversar mais. Perguntar da partida de vocês... Daquilo que ficou... Há muito que se conversar.

— Pode crê.

Uma agradável bruma passou por mim. Abri os olhos. Havia encerrado, mais uma vez, o filme *Woodstock*.

O que foi aquilo?

“Excuse me while I kiss the sky.” (Jimi Hendrix, em *Purple Haze*)



...E A ROSA DO TEXAS